

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.407

Terça-feira, 26 de Junho de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalvia, 114 e 115

Por enquanto, a "Acção Nacionalista" portuguesa—que pretende copiar o fascismo italiano,— não passa duma risível manifestação de "snobismo" político.

MAIS SALVADORES

Os neo-nacionalistas

UMA DITADURA DE INTELIGENCIA EXERCIDA POR RAPAZES, CUJA MAIOR PROVA DE FORÇA MENTAL É A SUA IMPONENTE FORMOSURA...

Entenderam alguns cavalheiros *snobs*, a quem o nacionalismo fascista subiu à cabeça, perturbando-a, como fumos embriagantes de vinhos caros, que haviam de lançar em Portugal a semente vil do banditismo político que em Itália vem dando há meses seus frutos venenosos. E como o nosso país, que esses nacionalistas de última hora—cujos méritos mais distintos estão nas lutas, cuja inteligência quasi se esgota no parto laborioso de versos ócos e no trabalho fatigante de por no espelho uma gravata *demier cri*—está bem adubado pelas escorrências lamacentas da monarquia e pelos erros dos homens da república é possível que a tal semente germine, cresça e floresça.

A acção desses cavalheiros principiou como tudo principia neste país—pela fundação dum jornal todo *papo-seco*, impresso em esplêndido papel, com colaboração paga por bom dinheiro, com boas fotografias, tudo tam caro e tam lindo que o seu preço avulso apesar de ser de cinquenta centavos não chegará decerto para cobrir as despesas de tam grandes luxos.

Por intermédio desse órgão principiaram esses cavalheiros *chicos* a borrar pelo regresso à tradição, que dizem ser a salvação da pátria e o aniquilamento do papão bolxexista que ameaça a civilização. No fundo—parece-nos—outra coisa não existe senão a ambição de alguns desses nacionalistas de nova espécie em tornar-se Mussolinis portugueses para verem os seus retratos estampados na imprensa internacional, acompanhados de grandes elogios em prosa e em verso. Um deles, mesmo antes de ter sido guindado a *mussolinis* alturas—o que é ainda muito hipotético—já fez publicar o seu retrato no tal jornalco, *Portugal*, para que os leitores admirassem as suas parelhas físicas com o ditador italiano.

Nós afirmamos—sem a menor sombra de favor—que o aspirante a Mussolini português é muito mais formoso e simpático do que o italiano. Se a inteligência for tam perfeita como o seu físico agradável, bem barbeado e talvez perfumado, hamos de confessar que a tal ditadura da inteligência há de ser bem leve e grata de suportar...

Mostram os rapazes do neo-nacionalismo uma profunda admiração pela obra do fascismo italiano. Ora, como este principiou por destruir e assaltar os organismos operários, veremos se aos portugueses será esta parte do programa de *reconstrução nacional* que mais os encanta e seduz. E quem ousará afirmar que por tam simpático processo não ficará salva a pátria?...

NOTAS & COMENTÁRIOS

Contra os senhores

Umo idea do sr. Gusmão

No congresso da Federação dos Sindicatos Agrícolas, o congressista sr. Nuno de Gusmão inspirado pela espanhola e católica presença de D. Mosquera—*olé,olé*—reivindicou a necessidade de protecção para o trabalhador rural. Gusmão congressista pretende que se dê uma lei para o trabalhador rural. Porisso é preciso que o padre chamem o rural à igreja e fim de lhe rosnar lá em cima o seu infórtio. Admirável protecção esta. Só a certeza de que o padre não diz a missa em jejum e assegura que a miséria tem favorecido lugar no céu para que o rural ao entrar em casa a tome por um palácio e ao olhar para a mesa vá a suponha repleta de iguarias. Este sr. Gusmão é pessoa de muito espirito... Que pena só ontem termos dado pela sua existência neste planeta.

Pimenta apresenta uma idea

Alfredo Pimenta fez na Velhice Moarquica—conhecida pelo nome de Juventude—uma conferência de propaganda monarchica. A certa altura pretende justificar a existência da aristocracia e conservação dos seus privilégios como o facto de possuir uma animalidade restricta. Além de ser diminutamente animal a nobreza possui maneiras. Se assim é achamos ilógica a existência dos privilégios aristocráticos. Bastaria o ensino da arte de bem andar na rua, de comer à mesa, com colher, garfo e faca para a dispensar. Quanto à razão da animalidade restricta consideramola de fraco valor zoológico. Merece reservar-se jocosamente a opinião do sr. Pimenta pela qual se deprende que o pouco animal equivale a ser muito aristocrata.

Mosquera tem uma ideia

D. José Mosquera Noctelo—este nome parece extraído duma baixa comédia de Arniches—é um espanhol calvo, de nariz afilado e feições comprimidas. Com o seu nome caricatural e os seus raros cabelos—este homem é um vulcão. É um vulcão de grande poder eruptivo que pretende fazer avançar sobre todas as terras e pessoas de Espanha a lava do clericalismo. A religião para ele consiste em transformar a vida do país nas suas manifestações superiores ou rudimentares numa sucursal de sacristia. Este homem de cabeça deserta de cabelos possui a povoada de mais intenções. Ele quer—D. José Mosquera Noctelo, quer—organizar no país onde nasceu sindicatos em que os seus componentes nada façam, nada digam, nada pensem que o padre não ordene, inspire e determine. Simpático Mosquera Simpatia ideia. Realmente, o ideal para quem nada produz de útil é tirar os que trabalham. Se a sua ideia triunfasse em Espanha o número de padres aumentaria na proporção do número dos que trabalham, descesse. Ele é tam agradável mandar trabalhar os outros.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Secção Federal de Propaganda no Norte—Devido ao adiantamento da hora não pôde o conselho federal occupar-se do voo do conselho federal, sendo aprovado que ele fosse dado como ordem de trabalhos na próxima reunião.

MOBILIÁRIA

Porto—S. U. Mobiliário—Recebemos officio. Até nova indicação suspender o envio das importâncias referentes à requisição última e a fazer, como aludis.

Delegação Federal Mobiliária.—E' da máxima conveniência conhecermos qual a vossa acção ultimamente desenvolvida, para o que aguardamos breve officio vosso.

Indústria vidreira

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o interessante artigo: *A indústria vidreira na Marinha Grande*, da autoria do nosso camarada. Santos Arranha, o qual inserimos da terceira página do presente número.

A absolvição de Manuel Ramos

Uma precipitação condenável e um desconhecimento profundo da questão levaram os jornais republicanos a fazer cõre com os órgãos reaccionários que, deturpando a verdade, pretendem apenas ferir uma instituição republicana e os ideais de justiça que defendemos

UMA ATITUDE CORRECTA DE «O MUNDO» QUE A LEALDADE MANDA REGISTRAR

Evitou-nos *O Mundo* o trabalho de esclarecer-lhe acerca do julgamento de Manuel Ramos. Foi aquele jornal o primeiro a notar que se enganava na apreciação dos factos, partindo desse engano uma indignação natural, mas que os mesmos factos faziam cair pela base. *A Batalha*, registando a lealdade do *Mundo* em reconhecer—o que é nobre—os seus próprios erros, cairia numa incorrecção, numa deslealdade mesmo, se não trouxesse perante os seus leitores as ponderadas palavras do órgão republicano.

Ei-las: «A absolvição do acusado de homicidio voluntário Manuel Ramos produziu uma certa irritação, a qual se reflectiu na imprensa e no Parlamento. Contudo, o segundo informe que ontem colhemos, o aspecto desse acontecimento não têm a gravidade de que o revestiram. E bom é que o assunto se discuta com serenidade, sem prejuizo para o prestigio dos tribunais.

A verdade é esta: o acusado não foi agora julgado pelo crime de detenção ou emprego de explosivos. Esses crimes são da competência de um tribunal especial, o Tribunal de Defesa Social, perante o qual o acusado foi julgado e condenado. A sentença condenatória coloca-o à disposição do governo, que o pode manter preso durante todo o tempo que julgar conveniente, remetendo-o para colónias de trabalho ou dando-lhe qualquer outro destino. Foi julgado agora pelo crime de homicidio. Em relação a este facto é que o júri deu como provada a derimente da legitima defesa. Um jornal, estranhando o facto, exclamava se o júri justificava o emprego da bomba como legitima defesa e nós próprios chegamos a dizer se havia legitima defesa resistindo à autoridade. Mais bem informados, podemos explicar o seguinte: o homicidio não foi praticado à bomba mas a tiro. Se os jurados entenderam em consciência que houve legitima defesa nem por isso autorizaram o emprego da bomba para esse caso. Tratando-se de um particular e não de autoridade, não se tratava também de defesa contra a autoridade.

Tudo se reduz, portanto, a uma questão de facto. Praticou ou não o acusado o crime, deliberadamente e sem ser caso de legitima defesa? Quem o pôde dizer? Os nove homens que assistiram a todo o julgamento, pesaram as provas e assumiram a responsabilidade da sua deliberação, e quem não conhece o processo e não assistiu à sua discussão nem pela mesma pôde intervir. O poder judicial é independente e é melindroso discutir as suas decisões sem que isso

deixe de ter um caracter de pressão, de falta de liberdade. O fazer parte de um júri representa já um pesado sacrificio de ordem material, tanto mais que essa função é gratuita, mas passará a representar também um sacrificio de ordem moral, se, a cada sentença absolutória ou condenatória, se levantar uma suspeição contra a honra dos julgadores. E sendo a instituição do júri essencialmente democrática e uma das grandes conquistas da Revolução Francesa importa reconhecer o valor e a utilidade que ela tem.

No caso presente, admitindo que a decisão do júri não corresponde à verdade, não nos parece que haja um forte motivo para alarmes. O acusado agora absolvido está entregue ao poder executivo e a pena é indeterminada; conservando-se-lhe isolado da sociedade todo o tempo que o governo entender.

Não está numa Penitenciária; mas, desde que a lei aboliu o capiz, o silencio e o trabalho isolado, em que difere o regime celular do regime correcional? Praticamente, não. A pena é a mesma e, quanto à sua duração, a pena interminável é inconstatavelmente mais grave do que a que poderia ter ficado condenação. Não nos parece por isso, que haja razão para tanta exaltação e para o receio de que, de

um momento para o outro, seja restituído a liberdade. O poder executivo medirá certamente a sua responsabilidade e terá naturalmente em relação a este caso um critério mais rigoroso do que o que tem usado para com outros condenados pelo Tribunal de Defesa Social.

Parece que podem tranquilizar-se todos, até mesmo um exaltado, que aproveitou a ocasião para atribuir o caso à actual existência das instituições republicanas, que aboliu a faculdade atribuída ao júri de dar o júri por iníquo, lei da autoria do dr. Afonso Costa, para evitar o abuso de dessa faculdade tanto se fez no tempo da monarquia.

Nam outro artigo que o mesmo número de *O Mundo* inseria acerca da questão, artigo igualmente ponderado e correcto, é que, ainda por deficiência de informação, aquele jornal, faz considerações mais violentas que, estamos certos, serão emendadas logo que nós esclareçamos o assunto.

Diz *O Mundo* no referido artigo: «O erro de facto, em que nós ontem incorremos, consistiu, portanto, em atribuir ao júri o critério de que a resistência à autoridade, mesmo a bomba,

seria legitima defesa. Mas agora fazemos uma pergunta: aplicada essa derimente com relação ao caso da morte do entalhador será aceitável o critério do júri? Não é. E só anarquistas mentais poderão sustentar semelhante ponto de vista. Manuel Ramos matou a tiro um homem, que, sem tentar agredilo, simplesmente tentava coadjuvar a autoridade.»

Ora, como acima afirmámos *O Mundo* está mal informado. O entalhador que tentou deter Manuel Ramos quiz agredilo, porquanto—conforme as testemunhas o declararam no tribunal e foi provado—empunhava uma pistola, sendo portanto, o gesto de Manuel Ramos de legitima defesa, mais do que legitima: instintiva defesa.

Occultando proposadamente os factos que apontamos e os que *O Mundo* no seu número de ante-ontem commentou, têm os jornais reaccionários especulado criminosamente, no duplo intuito de atingir o júri, instituição republicana, e os principios emancipadores que professamos. A verdade, porém, tarde ou cedo, surge sempre fulgurante.

De lamentar é que muitos jornais que se dizem republicanos, tenham feito, talvez inconscientemente, o jogo dos seus adversários monarchicos.

Sentenças

— de — encomenda

O presidente do júri dirigiu-se ao júri pedindo-lhe para o orientar na resposta aos quesitos de modo a assegurar a absolvição de Manuel Ramos, sem dar lugar a contradições que permitissem ao delegado do ministério publico recorrer da sentença.

E' ou não verdade ter o júri observado de mau humor que Manuel Ramos não devia ser absolvido? E pode o júri exercer pressão sobre o júri? E o júri censurando o procedimento do júri não saiu fora das suas atribuições?

E' ou não verdade que, depois do presidente do júri se ter retirado com a indicação das respostas aos quesitos, o júri ter aconselhado o delegado do ministério publico a recorrer por nullidade? Neste caso a deslealdade do júri é evidente pois que não orientou o júri da maneira que ele pediu, não respeitou as suas intenções.

E assim foi o júri que tornou possível a attitude do delegado do ministério publico.

E' ou não verdade ter-se telefonado insistentemente do ministério da justiça para a Boa Hora, aconselhando a fazer-se a apelação da sentença?

Este conselho equivale a uma ordem. Ocorre perguntar se a independência da magistratura é compativel com as ordens do ministério da justiça. Então as sentenças continuam a ser dadas pelos tribunais ou passarão a ser encomendadas pelo ministério da justiça?

Este conselho equivale a uma ordem. Ocorre perguntar se a independência da magistratura é compativel com as ordens do ministério da justiça. Então as sentenças continuam a ser dadas pelos tribunais ou passarão a ser encomendadas pelo ministério da justiça?

Este conselho equivale a uma ordem. Ocorre perguntar se a independência da magistratura é compativel com as ordens do ministério da justiça. Então as sentenças continuam a ser dadas pelos tribunais ou passarão a ser encomendadas pelo ministério da justiça?

Este conselho equivale a uma ordem. Ocorre perguntar se a independência da magistratura é compativel com as ordens do ministério da justiça. Então as sentenças continuam a ser dadas pelos tribunais ou passarão a ser encomendadas pelo ministério da justiça?

A REFORMA DO ENSINO

é uma obra a defender pelo proletariado ao qual grandemente interessa

Se há um jornal onde as questões do ensino devem ser tratadas, não com erudição e detalhes técnicos, porque isso é para especialistas e para as respectivas publicações, mas com o muito interesse e sinceridade que elas requerem, esse jornal é *A Batalha*. Ainda há muita gente, e talvez entre os próprios trabalhadores isso aconteça, que julga que as questões do ensino são de importância secundária para a organização operária, a qual, dizem, por pouco mais se interessa ou é capaz de se interessar, pelo aumento do seu bem-estar económico. Que os burgueses assim pensem, está na lógica da sua mentalidade e até na lógica defeza dos seus interesses; mas os trabalhadores, os proletários, é que não podem pensar assim. Felizmente, a grande maioria, sendo a totalidade dos militantes, sabem muito bem—e as provas disso não faltam—que tudo que se refere ao ensino, à educação, é de primordial importância para eles, cuja vitória, depende completamente do grau de instrução e educação que eles atingirem.

A importância das questões de ensino sobre de ponto, quando se trata de medidas de carácter geral, como sucede com a reforma de instrução, cujas bases o respectivo ministro acaba de apresentar ao parlamento. Muito erradamente pensam os militantes, se os há, que por um espirito revolucionário mal entendido, a meu ver, se não importam com a reforma, por se tratar de coisas governamentais e parlamentares. Os assuntos de instrução são dos que, em todos os regimes, mais benefícios ou prejuizos podem trazer para a colectividade, e assim ajudar ou prejudicar a emancipação dos trabalhadores. As questões de instrução, pelo menos nos seus aspectos fundamentais, devem ser encaradas pelos proletários, com o mesmo interesse com que se tratam: a das 8 horas de trabalho, a da redução do serviço militar, a da higiene das oficinas, e outras que tantos esforços e lutas têm custado.

Tudo que, pela instrução geral, se conseguir de bom, é um ganho insosmável para a organização operária, que é desta forma, grandemente facilitada na sua obra de emancipação.

Além disso, lutar pela instrução e pela educação constitui já uma obrigação moral para o operário, para poder cheio de direito, reclamar e exigir que as coisas boas se façam e se evitem os acasos das más. E' este grau de mentalidade, de civilização, que o operário

de português deve mostrar que possui para, cada vez mais, se fazer respeitar, o que é, embora possa parecer que não, a melhor forma de se fazer temer e de se impor ao adversário. E' esta attitude que a organização operária tem todo o interesse em assumir perante as bases da nova reforma do ensino, as quais estão, como se costuma dizer, na ordem do dia, tal o interesse que tem desperdiçado.

Porque vi nessas bases um trabalho de cuja aplicação resultaria um bem para a população portuguesa e, nomeadamente, para o povo trabalhador, e para o qual é a primeira vez que uma reforma de ensino é declaradamente feita, e com muito prazer que venho para *A Batalha* dizer o que penso da reforma, convencido de que presto bom serviço se contribuir para fortalecer o interesse que os militantes mostram pelas questões de instrução, de que ressaltará, implicitamente, um apoio para a aplicação da reforma. No próximo artigo direi qual o aspecto mais vantajoso da reforma para o proletariado.

Emílio COSTA
C. G. T.
Nota officiosa

A Confederação Geral do Trabalho, ao ter conhecimento de que em alguns pontos do país, muito iniquamente se pretende cobrar aos sindicatos operários o imposto de transacção, quando é certo que em seus atributos não tem transacções de qualquer espécie aconselha todos os organismos confederados a resistir «à outrance» ante tão injustificada extorção.

Nenhum sindicato deve pagar!
O Comité Confederal

Na Austria
Diminui o número dos desempregados
VIENNA, 25.—As estatísticas mostram-se cada vez mais optimistas acerca do número de desempregados na Austria. O número de individuos sem trabalho subvencionados pelo Estado diminuiu em seis meses cerca de 100.000.

FOI ASSASSINADO KURT WILKENS

O EXECUTOR DO CORONEL VARELA O PROLETARIADO ARGENTINO AGITA-SE

Não há muitos dias relatou *A Batalha* um acontecimento sensacional que estava apaixonando a opinião operária em todo o mundo, nomeadamente na América. Os nossos leitores não o devem ter esquecido também. Era o caso Kurt Wilkens, anarquista alemão, residente na Argentina que, contrariado com a série de crimes repugnantes que, em nome da ordem, o coronel Varela vinha perpetrando, deliberou liquidá-lo.

Quanto difere o gesto infame do soldado do gesto de Wilkens. Este mata um homem, em plena rua, arriscando a sua vida, salvando uma criança com o sacrificio do seu corpo; o outro, o soldado mata um homem preso, mutilado, impossibilitado de defender-se.

Este cobarde assassinato revoltou o proletariado argentino que se lançou numa greve geral de 24 horas de protesto—greve que excedeu as vinte e qua-



NO HOSPITAL—Kurt Wilkens conversando com o seu advogado depois do atentado contra Varela

Contou *A Batalha* a maneira abnegada como Wilkens pôs em prática a sua resolução. Para salvar a ordem burguesa o coronel Varela não se importou de sacrificar alguns milhares de inocentes, de fusilar operários às centenas, de destruir lares, de fazer correr sangue de menores. Wilkens para vingar esses inocentes, para impedir que o sangue continuasse a correr, que a dor, a miséria e as lágrimas continuassem a encher os lares proletários, entendeu que só um meio havia—liquidar o coronel Varela, mas ele só, o único responsável de tam grande desgraça.

Quando o ditador passava Kurt Wilkens arremessou contra ele uma bomba, mas como os estilhaços deste vitimariam também uma filha do militar, Wilkens, dum rápido gesto, pleno de humanidade e de sacrificio, colocou-se entre a bomba e a criança protegendo-a com o seu corpo. Ele ficou mutilado, a criança saiu ilesa.

Este sacrificio, este heroismo raro atraíram sobre Kurt Wilkens as simpatias mundiais e a burguezia não encontrava ambiente, nem mesmo bases jurídicas de peso para condenar o anarquista a uma pena brutal, como desejaria.

Noticias recentemente chegadas a Portugal relatam um crime monstruoso. O soldado Ernest Millan Temperley, sobrinho do coronel ditador foi encarregado de vigiar três celas da Prisão Nacional, onde Kurt Wilkens estava preso. Supõe-se que a escolha dum parente do coronel Varela para vigiar a prisão onde Wilkens se encontrava, já obedecia a um vil plano de assassinato, porque o referido soldado penetrando numa das celas assassinou Wilkens cobardemente com um tiro.

NA FRANÇA

Foi criada a soberania do Estado no espaço atmosférico

PARIS, 25.—O conselho de ministros procederá em breve ao exame do projecto de lei que trata da regulamentação da navegação aérea. Conhecida de acordo com os tratados internacionais e conforme ao ecódigo internacional do ar, a lei estabelece o principio da soberania do Estado sobre o espaço atmosférico. Ordena a inscrição de todo o aeroplano particular num registro aeronautico nacional, mediante a apresentação dum certificado dado pela autoridade técnica competente comprovando o estado excelente do aparelho e a sua irrepreensivel construção. Os pilotos terão um rigoroso exame sobre a sua constituição e aptidão profissionais. A licença de navegação deverá ser renovada periodicamente. Os aparelhos susceptíveis de transportar mais pessoas serão providos duma estação de radiotelegrafia. O projecto contém uma disposição referente aos danos causados às pessoas e propriedades.

EM PROL DA INFANCIA

COLISEU DOS RECREIOS

DOMINGO, 1 DE JULHO DE 1923, às 14 HORAS
GRANDIOSA E DESLUMBRANTE MATINÉE A FAVOR DAS ESCOLAS MANTIDAS PELO SINDICATO UNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

PROGRAMA
Conferência por um illustre orador.
Trabalhos de ginástica, equilibrios, forças combinadas, força dental e intermédios cômicos.
30 guitarristas e 30 cantadores dos melhores no género de fados.
Esta festa é patrocinada pelo jornal O FADO, pelo Grupo de Solidariedade Propagadores do Fado e pelo Grémio Artístico Amigos do Fado.

UMA SENSACIONAL SURPRESA
Preços populares
Começou ontem a marcação de lugares. E' um dever de todos os amigos da instrução concorrer a esta festa.

Harmonia de Lisboa

Um concerto notável no Coliseu dos Recreios

O maestro Francisco de Lacerda está destinado a desempenhar no nosso meio artístico um importante papel de vulgarizador de música antiga e moderna, de modo a educar o público de Lisboa no conhecimento de todos os bons músicos, quer eles toquem a expressão romântica ou clássica, quer as suas produções assumam um cunho de autêntica inovação ou nos moldes operísticos do desenvolvimento polifónico dos trechos mais emaranhados para as gerações que os desconhecem ou que começam a ouvi-los até com eles se familiarizarem.

Francisco de Lacerda é um erudito da música, dando à frase o seu significado mais justo. Espírito requintado de artista, sensibilidade delicadíssima, critério organizador pausado e severo, não lhe falta sequer uma das qualidades que a crítica considera imprescindíveis para fazer um bom mestre de orquestra.

O equilíbrio justo com que agrupou os vários instrumentos do grupo de executantes que a sua batuta orienta, bastaria para lhe dar foros de mestre, mas foi além dessa minúcia, aliás prática, a sua inteligência de timoneiro musical. Quero referir-me à inteligente organização dos seus programas, em que a variedade se nivela à qualidade em que o poder emocional corre a par das dificuldades da técnica.

Mas o artista agora, com o seu concerto no Coliseu dos Recreios, ainda nos revelou outra falta da sua inteligência. Compreende e bem que a música que em Portugal tem sido monopolizada, não pode nem deve ser só escutada por quem tem o recurso de arrancar à bolsa quantias sobejantes do que lhe é necessário à existência. O povo que trabalha de sol a sol, os que não auferem no seu ofício lucros pelo menos remediáveis, precisam do pão espiritual que sistematicamente no nosso país lhe tem sido negado.

Não é com altos preços de lugares de teatro, impróprios chamados «baratos», que se realiza o nível artístico das populações pobres. Ora o preço de alguns bilhetes do Coliseu para este concerto popular foi na verdade acessível, daí a verem-se espalhados pelo teatro muitos operários em quem o gosto pela música se vai desenvolvendo desvanecedoramente.

O interessante programa do concerto agora realizado foi soberbamente cumprido pela magnífica orquestra onde estão os melhores músicos portugueses, principalmente no naipe dos violinos. Não nos dá o espaço que nos refilamos com vagar a maneira correntíssima por que foram tocados todos os números.

Mencionaremos no entanto o delicado colorido que teve o célebre «Largo» de Haendel, o famoso compositor que até hoje ninguém excede no género de oratória e que com Bach, representa o máximo que o classicismo alemão atingiu.

Os violinos deram a esse inspiradíssimo trecho toda a união religiosa que o domina, tendo sido muito aplaudido o violinista Luís Barbosa.

A orquestra executou também primorosamente um graciosíssimo minuetto, de Rameau, desenhado musicalmente ao sabor do século XVIII, época memorável de tocadores de cravo e de bailarões de altitudes galantes.

Distinguiremos ainda a segurança com que foi interpretado o poema sinfónico de Glazounov «Stenka Razin» e a leveza dolente que foi dada a «Réverie» de Schumann.

Tem a Batalha um grande prazer em saudar Francisco de Lacerda, não só por uma elementar norma de cortesia, mas ainda por esperar que o distinto artista contribua para que não fiquem por aqui os concertos populares, da sua orquestra.

Nogueira de BRITO

Fazendas para homem e senhora
Vende VIROILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Comissão Mista de Propaganda do Alto do Pina

Contra a falta de água e a rapacidade dos senhores

Esta Comissão realiza depois de amanhã, pelas 21 horas e na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, uma sessão preparatória do grande comício público de protesto contra a falta de água e contra a desenfreada ganância dos senhores, que se realizará no próximo domingo, neste populoso bairro, e que promete ser revestido de maior importância, dado o interesse que a opinião pública está demonstrando por estes dois momentosos problemas.

A mesma Comissão resolveu enviar à câmara dos deputados um telegrama do teor seguinte:

«A Comissão Mista de Propaganda do Alto do Pina, reunida em 22 do corrente, protesta energicamente contra a representação infame, entregue ao parlamento pelos detentores da propriedade privada».

Actividade do comércio alemão

REVAL, 25. — A Rússia está sendo percorrida em todos os sentidos por caixeiros viajantes alemães que oferecem a crédito toda a espécie de mercadorias especialmente máquinas agrícolas.

NACIONAL

Telef. N.º 5419
Sexta-feira 29
definitivamente época de verão
Primeira representação da peça em 3 actos, original de João Bascos e Henrique Roldão
A VIUVA GOMES
desempenhada por toda
—: a nova companhia —:
A BILHETEIRA ABRE AMANHÃ

MANTÉM-SE A ORDEM

espadeirando os cidadãos

—: pacíficos —:
A nossa polícia é impagável. Nenhuma como ela se sabe fazer respeitar e manter a ordem nesta cidade de mármore e granito «entre todas as excelentes e miorais». Basta citar o seguinte caso edificante, para todos disso ficarem convencidos.

Ontem, cerca das duas horas da manhã, quando a multidão da Folia de Deus alguns rapazes, dois dos quais iam tocando viola e guitarra.

Os chegaram perto da rua da Barroca viram um numeroso grupo de civis e alguns civis à esquina dessa rua. Deixaram de tocar, não fossem os civis provocá-los, para «manter a ordem». De facto, os civis não disseram nada, mas, depois de terem passado por eles e quando já estavam de costas voltadas, um tal senhor Viana, agente da polícia, à paisana, tirou de dentro da manga do casaco um «casco-lé» e arremessou desenfreadamente indo invectivar com os rapazes, distribuindo... escatadas para todos os lados.

Seguiu-se-lhe um civio, que desembainhando o sabre, zurziu valentemente o rapaz que conduzia a viola, que ficou partida, levando-o, ainda por cima, para o Governo Civil, onde saiu ontem, pelas 15 horas, depois de lhe terem extorquido «legalmente», está claro, no tribunal dos pequenos delitos, a insignificância de 100 escudos.

Estes mesmos senhores, tendo-lhes sido também confiado o policiamento dos bailes realizados na véspera e dia de Santo António, na rua do Norte, entreteveram-se a meter rasteiras e a agredir vários rapazes que despreocupados e sossegadamente passavam junto deles, tendo conduzido quatro para o Governo Civil, onde tiveram de deixar a massa da multa que o famigerado tribunal dos pequenos delitos arranca a todos quantos os esbirros policíacos para lá caviam.

Ontem, às 21 horas, também estava na rua da Barroca, perdido de bêbedo, o mesmíssimo agente Viana, em atitude de... mimosear qualquer transeunte incauto que por ali passasse e que possivelmente pudesse dispor dos imprescindíveis 100 escudos.

Em suma: a polícia embebedada, agrediu os cidadãos pacíficos e, no fim, ainda os leva presos para, num tribunal especial, lhe arrancarem o dinheiro de uma multa iniqua.

E quando estarão as vítimas preparadas e dispostas a, num necessário e justíssimo gesto de revolta, acabar com tanta infâmia e tanto abuso?

Classes que reclamam

Compositores e Impressores
Tipográficos, Encadernadores e Anexos

São convidados os delegados das oficinas a reunirem hoje, pelas 20,30 horas prefixas para tomarem conhecimento da resposta da Associação Industrial às reclamações, e dos trabalhos levados a efeito pela comissão pró-salário mínimo e diário aim de conseguir que seja um facto as antigas aspirações das classes.

Nesta reunião serão também apreciados vários acordos e repostas individuais, bem como a forma como alguns industriais entendem que poderá ser estabelecido o pagamento do domingo.

A esta importante reunião deverão comparecer todos os delegados, sendo também indispensáveis que as várias oficinas que ainda não tenham, aviem representantes, para transmitir instruções sobre a forma de actuar e prestar esclarecimentos que a comissão reputa indispensáveis para levar a bom termo o movimento encetado.

Ferrovários da C. P.

Pelas 26 horas de hoje deve efectuar-se a assembleia magna do pessoal ferroviário da Companhia Portuguesa, assembleia que tinha de realizar-se no domingo mas ficou adiada por motivos imprevistos.

Nesta reunião magna será realizado o desejo manifestado pela Companhia ao ministro do Comércio sobre a apresentação das reclamações especializadas por secções, devendo estas por consequência fazerem-se representantes no maior número possível, para assim apreciarem o trabalho que já se acha estabelecido neste sentido, ampliando-o ou modificando-o de conformidade com as verdadeiras necessidades das mesmas.

Cada camarada, seja dos escritórios, movimento, via, máquinas, trens, etc., tem todo o interesse em assistir a esta reunião, porquanto dela sairá a base das reclamações já formuladas e sua designação por serviços, etc.

Ha pessoal que além do aumento geral que venha a adquirir, necessita da concessão de outros abonos, como seja residência e renda de casas, tendo neste momento de insistir pela sua concessão.

Funcionários municipais

Em virtude de uma proposta apresentada por um vereador e aprovada numa das últimas sessões da Câmara Municipal, parece que vão ser dispensados todos os funcionários municipais que tenham menos dez anos de serviço, obedecendo esta resolução ao intuito de diminuir as despesas.

Lavra, como é natural, grande descontentamento entre o pessoal das repartições.

A BATALHA

Vida Sindical

C. G. T.

Secção de Unões

Reuniu ontem, iniciando os trabalhos com a nomeação dos secretários, que recaiu nos delegados efectivos de Lisboa e Porto, tendo sido lida e aprovada a acta da última reunião.

Entrando-se na ordem de trabalhos é apreciado um ofício da U. S. O. do Funchal, a quem foi deliberado oficiar em conformidade com as suas pretensões.

Sobre um ofício da U. S. O. de Lisboa, comunicando os seus trabalhos de defesa do inquilinato, resolveu-se alargar a acção no sentido de dar a esse movimento um carácter nacional.

Ponderando-se o facto de a Moagem pretender aumentar novamente o preço do pão, deliberou-se oficiar aos organismos operários, solicitando-lhes elementos de apreciação sobre o preço deste género alimentício nas várias localidades.

Esta secção volta a reunir ainda esta semana.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e

—: Solidariedade —:

Reunio hoje este secretariado, pelas 21 horas, com a presença dos advogados, a fim de tratar de assuntos de inadiável importância, entre eles o caso das prisões de três camaradas que se encontram há quase um mês nos calabouços infectos do Governo Civil, sem motivo justificado e de recente atmosfera de ódio em volta da absolvição de Manuel Ramos para o que este secretariado vai tratar de envidar todos os meios ao seu alcance para que justiça seja feita a quem de direito.

Hoje vai um delegado deste secretariado ao governo civil prestar solidariedade a aqueles três camaradas.

U. S. O.

Reuniu ontem a comissão administrativa que se ocupou de vários expedientes entre eles um ofício da União Têxtil entregando a marcha do seu movimento grevista à solução da U. S. O. Resolvetur-se que baixasse ao Conselho.

Também se apreciou a realização dum comício público no domingo próximo para tratar da questão das águas promovido pela secção do Alto do Pina.

Foi também apreciado o pedido de demissão de Secretário Geral motivado por doença.

Reunio hoje pelas 21 horas o Conselho de Delegados.

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pedreiros. — Precisa-se de pedreiro com o ordenado de 1500, que saiba trabalhar em telhados à portuguesa amurricado. Para mais esclarecimentos dirigir-se hoje das 21 horas em diante, a esta secção.

S. U. Metalúrgica. — Extraordinariamente reunio a comissão administrativa, para apreciar um caso grave que briga com a dignidade profissional do camarada Joaquim de Sousa, secretário adjunto do Sindicato.

A comissão apreciando o caso, verificou que os operários que trabalham na oficina metalúrgica da rua da Achada, não são hostilizados pela camarada Joaquim de Sousa, como também menos cabaram e difamaram o Sindicato, provando com tal atitude, que desconhecem os deveres que impõem uma boa conduta a todo o operário que pressa a sua dignidade moral e profissional.

A comissão resolveu solidarizar-se com o secretário adjunto, para o que vai convidar os operários daquela oficina a comparecerem no Sindicato para se explicarem sobre o seu procedimento.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reunio hoje, pelas 20 horas, o Conselho Central para se ocupar de um assunto de resolução inadiável.

Federação Marítima. — Reunio hoje o Conselho Federal, pelas 20 horas, para continuação de trabalhos pendentes. É indispensável a comparencia de todos os delegados.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reunio hoje, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa para assunto urgente.

Federação Metalúrgica. — Por motivo da falta de comparencia de delegados, não reunio ontem o Conselho Federal, devendo reunir amanhã, pelas 20 horas, com a comparencia de todos os delegados.

Devido aos assuntos a tratar, é conveniente a comparencia dos delegados, a hora acima indicada.

S. U. Mobilário. — Comissão de Melhoramentos. — Para assuntos urgentes, reúne hoje, às 21 horas, esta comissão, não devendo faltar nenhum dos componentes.

«O Operário Mobilário». — Reunio hoje, às 20 horas, a comissão editora, para assunto urgente.

Para prosseguimento dos trabalhos para a efectivação da festa de homenagem ao Operário do Mobilário e apreciar um ofício do «Grupo de Propaganda do Fado» reúne hoje, às 20 horas, a comissão da mesma festa, não devendo faltar nenhum dos seus componentes.

S. U. Metalúrgica. — Para dar começo aos trabalhos delineados na última reunião reúne hoje a Comissão de Melhoramentos, às 21 horas, sendo necessária a comparencia de todos os seus membros.

Secção do Alto do Pina. — Realiza-se hoje, às 20 horas, a assembleia geral, extraordinária desta Secção, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

Tratar do desenvolvimento da acção da Secção; Estudar a forma de conseguir melhoria de situação económica para a classe, em face do constante agravamento do custo da vida; Tomar conhecimento dos trabalhos a realizar pelo Sindicato para o levantamento moral, económico e social da classe; Resolver sobre o protesto a fazer contra a execução da lei sobre contribuição industrial que o governo pretende obrigar os operários a pagar; Resolver sobre a forma de se protestar contra o propósito de alterar a lei sobre o inquilinato em favor dos senhores.

Pela importância dos assuntos é de esperar a comparencia de todos os sindicados.

S. U. da C. Civil. — Conselho de Secções.

Para assunto urgente, que se prende com as reclamações de aumento de salário, reúne hoje, pelas 20 horas, todos os delegados deste Conselho, em conjunto com as comissões administrativas das secções sindicais e profissionais, sendo de interesse a comparencia de todos.

A Comissão Revisora de Contas do Conselho Técnico, reunio em moria, resolvendo, caso os outros delegados não compareçam, dar seguimento aos seus trabalhos com os delegados presentes.

Por este motivo mais uma vez se pede para que não falem.

Conselho Técnico. — Reunio hoje, em assembleia de delegados, pelas 20 horas, para tratar de assunto urgente e sendo indispensável a comparencia dos delegados da Comissão Técnica.

Pragatários. — Reunio hoje, às 14 horas, a direcção para tratar de urgentes e importantes assuntos.

Manufactureiros de calçado. — Reunio a comissão administrativa, resolvendo levar ao conhecimento da assembleia de hoje assuntos importantes, que se prendem ainda com o último movimento para o aumento de salário, apreciando também a contribuição industrial que o governo pretende impor às classes trabalhadoras.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Conselho Inter-Federal da Federação do Livro e do Jornal. — Este Conselho, reorganizado após a Conferência Gráfica realizada na Covilhã em outubro último, tem assumidamente reunido, empregando os seus melhores esforços para que a organização gráfica, que a qualquer momento se eleva à altura da missão para que foi criada.

Neste sentido já enviou delegados à cidade de Braga, estando em comunicação com outros núcleos da província, e empenhado para que nos locais onde existem gráficos e não possuem núcleos ou Ligas, organizarem-se.

Este conselho reúne todos os sábados, e tem a sua sede na rua de Entreparedes, 33.

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Comissão Administrativa. — Reunio em 19 do corrente, apreciando vários expedientes sendo resolvido dar-lhe despacho segundo as resoluções tomadas. Apreciou os relatórios dos delegados que representaram a Federação em Alter do Chão e Montemor-o-Novo, sendo aprovados. Foram tomados em consideração os serviços prestados à classe rural pelo camarada Vinagre. Foi também resolvido e aprovado que ficasse exarado na acta um voto de sentimento pela morte do camarada Guilherme Curto.

Litógrafos do Porto. — Esta classe reuniu em assembleia magna na passada sexta-feira, tendo apreciado a resposta dos industriais à reclamação apresentada por este organismo sobre melhoria de situação, sendo resolvido transgredir do primitivo pedido, olhando-se novamente neste sentido, aos mesmos industriais.

Sobre uma circular dimanada do Instituto de Seguros Sociais, é por maioria aprovado que se nomeiem os 2 representantes na circular pedidos, para a eleição de 2 vogais representantes da classe operária no Conselho Superior da Previdência Social.

Mais resolveu oficiar à sua congénere da capital informando-a de que o movimento dos litógrafos de Espinho continua na mesma.

Novamente é convidada a classe a reunir em assembleia, na próxima terça-feira.

Interesses de classe

Contra uma medida vexatória

Como a Batalha noticiou, teve há dias a sua eclosão um movimento grevista, merecedor de toda a simpatia pela sua originalidade e cunho elevadamente moral.

E' simples mas edificante a história das suas causas que rapidamente vamos traçar.

Existe na rua Alexandre Herculano uma roça que dá pelo nome de Carpinteria Mecânica Portuguesa Lda. Trabalhava ali cerca de duzentos operários, dos quais 22 são mobilários.

Pois bem: esses mobilários descontentes com uma série de medidas vexatórias, resolveram abandonar o trabalho em face da intrinseca da direcção em não querer abolir essas tais medidas, das quais a que mais briga com a dignidade é aquela em que todo o operário é obrigado a deixar apilar o embrulho em que leva o seu material. No dia anterior foram todos chamados ao escritório e pela boca do sr. Oliveira. Lhes foi perguntado se estavam resolvidos a deixar que o guarda lhes apalasse o tecto, a quando das substituições, para assunto que lhes dissesse respeito, como seja de fornecer os armazéns reguladores, o que ficou assente faz-lo imediatamente a pedido directo das mesmas e ao preço vendido de patrão, desculpou-se com disse S. Ex.ª, de que no próximo mês algo iria tratar, a fim de mais e melhor atender à carência da vida.

No próximo mês de Julho realizará a 2.ª Comuna e a Oriental, nos locais respectivos, que são Alcantara e Xabregas ou Beato, um comício em que se tratará da melhor forma de se fazer cooperativismo enfrentando a subida desordenada da carência da vida.

ABASTECIMENTOS

Peixe

Chegou ontem ao Tejo o vapor «Cabo Branco» com 13 toneladas de peixe grasso. O Comissário dos Abastecimentos esteve no frigorífico assistindo à descarga do peixe, informando-o os armadores que aquele barco seguia novamente para o mar.

O «Vouge» que havia saído para avisar os vapores estrangeiros para virem trazer peixe a Lisboa, arribou a Lisboa. O seu comandante telegrafou informando que há 8 dias que não é avistado qualquer vapor de pesca.

A legação de Londres comunicou que já havia transmitido aos armadores ingleses o convite do comissário para os vapores daquela nacionalidade virem abastecer de peixe o porto de Lisboa.

Espera-se por estes dias a vinda de vapores alemães.

As Cooperativas

o comissário dos abastecimentos

As cooperativas Oriental, Xabregues e 2.ª Comuna, entrevistaram o comissário das subsistências, para assunto que lhes dissesse respeito, como seja de fornecer os armazéns reguladores, o que ficou assente faz-lo imediatamente a pedido directo das mesmas e ao preço vendido de patrão, desculpou-se com disse S. Ex.ª, de que no próximo mês algo iria tratar, a fim de mais e melhor atender à carência da vida.

No próximo mês de Julho realizará a 2.ª Comuna e a Oriental, nos locais respectivos, que são Alcantara e Xabregas ou Beato, um comício em que se tratará da melhor forma de se fazer cooperativismo enfrentando a subida desordenada da carência da vida.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comité Federal. — Para apreciar entre outros assuntos os trabalhos apresentados ao 2.º Congresso, reúne hoje pelas 20,30 horas.

Reunio de Lisboa. — Sede Central. — Reunio hoje, pelas 20,30 horas, a comissão executiva, devendo as secções enviar delegados a esta reunião.

Reunio hoje, pelas 20 horas, a comissão pró-festa do «O Despertar» para se tratar de assuntos que dizem respeito à mesma festa.

Um grevista

Fazendas para homem e senhora
Vende VIROILIO ARRAIANO
COVILHÃ

TEATROS & CINEMAS

Operários cerâmicos

Em virtude dos industriais não satisfazerem as justas reclamações dos operários cerâmicos, estes declararam ontem a greve geral na indústria, sendo a paralização quase total, pois apenas duas fábricas se encontram a laborar, sendo de esperar que hoje a paralização seja completa.

Os industriais pediram a intervenção da força armada para garantir a liberdade de trabalho e por esse motivo encontram-se algumas fábricas guardadas por forças da polícia e guarda republicana.

Prisões

Fôram ontem presos os operários António Rezende, Manuel Jorge, João Rebelo, Manuel Augusto, José Fernandes, João Martins, António dos Santos, José do Nascimento e Manuel Correia, que faziam parte duma comissão de vigilância.

Uma comissão de grevistas foi ao governo civil tratar do caso, mas como não encontrou o chefe do distrito, vai hoje ali novamente.

NOTA OFICIOSA

O comitê da greve, pelas comunicações que tem recebido de várias comissões, constata com satisfação a bela directriz do movimento. Ao entrar no segundo dia de luta, incita a classe a não retomar o trabalho sem que sejam atendidas por completo as nossas justas reclamações.

Avante pela greve em prol do aumento de salário! — O Comitê.

EM MANTEIGAS

Os operários têxteis estão há 11 semanas em greve

Com uma tenacidade invulgar, os operários têxteis de Manteigas há 11 semanas que lutam contra o patronato para obterem melhoria de situação. De calcular é os sacrifícios feitos por estes camaradas, que embora sentindo os horrores feitos da mais negra miséria, têm sabido manter uma linha de conduta que sobremaneira honra a organização operária e constitui um belo exemplo de dignidade e espírito revolucionário.

Muitos dos grevistas estão dispostos a procurar trabalho noutros pontos do país, preferindo exilar-se a recenrar nas oficinas de cabeça baixa.

A comissão de demarques foi até agora chamada três vezes à administração do comitê, sem que das entrevistas realizadas saísse qualquer coisa que tendesse à solução do conflito.

Da primeira vez o administrador quiz fazer um acordo com a comissão sem consultar os industriais. Estes, depois, deram como resposta que não podiam atender as reclamações, em virtude da péssima situação da indústria.

No entanto não hesitaram em aumentar em 100 % o preço das fazendas!

Vários ofícios têm enviado os grevistas à C. G. T., exposto a marcha do movimento, mas nenhum deles chegou ao seu destino, certamente porque são, democraticamente interceptados no correio, — facto muito vulgar nesta república em que se verifica a mais ampla liberdade de... tiranizar.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIROILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Os desastres da aviação

Morte dum aviador

PARIS, 25. — O celebre aviador Cazale caiu do seu aeroplano da altura de 600 metros, morrendo no acto. O mecânico sofreu feridas de gravidade.

Continúa a obter o maior e mais legítimo sucesso, no Politeama, a admirável peça de Alexandre Dumas, «A dama das Camélias», que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro lá se fez reviver, numa reconstituição da época em que a acção decorre, muito para louvar.

O trabalho de Amélia Rey Colaço na protagonista é admirável, para provocar uma concorrência grande e escolhida, que sempre a aplaude freneticamente.

Mutualismo e cooperativismo

«Previdência Municipal». — Reunio hoje, tem 2.ª convocação, pelas 20 horas, a assembleia geral desta associação de socorros mútuos, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Leitura, discussão e votação do relatório e mais actos da gerência de 1922;

2.ª — Eleição de cargos vagos;

3.ª — Apresentação, discussão e votação duma proposta da Direcção, tendente ao aumento da quotização social.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Procurou-nos o sr. Rodolfo Romão para referir-nos um incidente ocorrido ontem, cerca das 23 horas, num eléctrico da carreira do Lumiar. Foi o caso de, tendo com mais três amigos ocupado os quatro lugares da plataforma da frente do referido carro, foi alvo, durante grande parte do trajeto, de doestos e provocações por parte do guarda-freio 1399. O não ter havido conflito deve-se à sua prudência, pois que a atitude do aludido guarda-freio chegou a dar lugar à intervenção de passageiros reciosos de algum incidente desagradável que a sua incorrecção ameaçava provocar.

Os bombeiros portugueses

vão organizar a sua federação de classe

Reunem-se no próximo domingo, tarde, no quartel dos Voluntários de Salvação pública, Estrada da Ribeira de Alges, os comandantes das corporações de bombeiros de Lisboa e arredores e os representantes das corporações das províncias que se filiarão na Federação dos Bombeiros Portugueses.

A reunião, que é promovida pela redacção do jornal da classe, e presidida pelo sr. Francisco Carlos Parente, comandante dos bombeiros municipais de Lisboa, tem por fim nomear uma comissão que organize este novo organismo, cujos fins são dos mais generosos e úteis para tam benemérita classe.

Os bombeiros portugueses eram os únicos que não tinham a sua Federação, mas é de esperar agora, que as restantes corporações se filiarão para alcançarem os benefícios que ela lhes oferece.

Contra a reacção

Uma sessão de protesto em Almada

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Almada efectua amanhã, pelas 13 horas, no Sindicato Unico da Construção Civil daquela localidade, uma sessão de protesto contra a reacção.

A comissão administrativa do Núcleo convida a mocidade trabalhadora e o operariado em geral a assistir à sessão contra os maneios das reacções.

Universidades, Academias e Escolas

Escola Afonso Domingues. — Reunio hoje, os alunos às 21 horas, em sessão magna para apreciar os estatutos da sua liga escolar.

Os que morrem

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral da irmã de Manuel Valentim, que sairá da rua de S. Sebastião da Pedreira, 46, 1.ª, para o cemitério do Lumiar.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

POVOA DE VARZIM

23 DE JULHO

Uma festa simpática

No dia 17 do corrente realizou-se na Escola Primária Superior desta vila uma simpática festa para desceramento do retrato do grande cientista que se chamou Rocha Peixoto. A festa coustou dum sessão solene, seguida dum roagem ao cemitério público, onde se encontram os restos mortais do malogrado Rocha Peixoto.

A sessão solene presidiu o representante do Liege Eça de Queirós, dr. Marques da Silva, tendo sido convidado para «deserrar» o retrato um irmão do illustre morto.

O dr. sr. Arnaldo Baptista leu

A indústria vidreira na Marinha Grande

A organização do trabalho — O delinquimento dos menores — A violência do labor — Uma fábrica «socializada» — Os organismos de classe — A propaganda

Breves impressões do secretário geral da Confederação Geral do Trabalho

Para o leitor que não se lar, no café ou em qualquer parte, faz uso de objectos de vidro sem conhecer da sua manufatura, não há uma pálida suposição do que tem de árdua a fabricação desses artigos. Nós mesmos, habituados a constatar a rudeza das várias funções desta, longe estávamos de supor o que era uma fábrica de vidros.

A nossa missão de propagandistas operários, levando-nos à Marinha Grande, permitiu-nos a visitar as fábricas. Causou-nos uma emoção profunda e expectação que se nos deparou junto do primeiro forno que visitámos. Afugentou-se-nos a presença de uma criação da fábula, em que um grupo de ciclopes, se dedicavam a uma dança fútil, envolto em fogo. Aproximámo-nos mais e vimos-nos imersos numa atmosfera fútil, de todos os lados, homens desgrenhados, quasi descalços, cor-de-bronze, olfegantes e suados, empunhavam as suas «canas», metiam-nas numa das guelras ardentes do forno circular, mergulhando-as no «tanque» ou no «pote» e retirando-as com um bloco de massa candente em volta da extremidade.

Depois, enquanto que uns manufaturam a vidraça, outros fazem garrafas.

A manipulação da vidraça

Para a vidraça três homens — um oficial e dois ajudantes — colaboram. Enquanto um prepara o bloco do vidro, outro toma-o e, sobre um estrado, debruçado sobre uma vala seca aberta no soalho vai soprando até conseguir um balão cilíndrico de uma extensão aproximada de dois metros, balão que o operário, aquecendo-o constantemente ao mesmo tempo que o sopra para lhe dar volume, agita-o dentro da vala, num movimento cadenciado de pêndulo. Levado o vidro à grossura desejada, o ajudante adiciona-lhe um pedaço de massa vitre a candente na extremidade, faz-lhe um orifício e, com mais um sopro do operário que empunha a «cana», o orifício alarga um pouco e, com o auxílio de uma tesoura, é mais alargado. Novo sopro, o cilindro rectifica-se e é colocado sobre um cavalete, junto a outros.

Convidamos a tomar o peso ao cilindro de vidraça e — valha a fraqueza — mal o podemos erguer... é que, os sete ou oito quilos de vidro tornados em cilindro extenso, acrescidos da extensão da «cana» de ferro, multiplicam-se num peso demasiado para os nossos débeis pulsos e só manuseiamos por pulsos aficados.

Depois, a extremidade junto à «cana» é cortada e o cilindro fica perfeito, com um ferro-frio é-lhe passado um traço de aço a balão, pelo qual abre... e o trabalho prossegue célere e febril.

Num carro, os cilindros são transportados até uma estufa semi-circular, colocados sobre um suporte que gira, aquecendo-os pouco a pouco, até um plano móvel onde a temperatura mais intensa novamente torna o vidro maleável e, pela boca da estufa, outro operário, com uma espécie de rôlo, vai procurando distendê-lo até o transformar em chapa plana. Sob a pressão do calor e do rôlo o cilindro desfaz-se, enquerquilha o vidro e por fim cede no esforço vitorioso do homem, tornando-se liso e capaz de servir para, numa janela, permitir claridade e resguardar das intempéries ou, com a adição do necessário preparado, reflectir os rostos de muitos mortais que não se preocupam com estas ninharias da produção.

A manufatura de garrafas constitui uma forma de inutilizar crianças

A manufatura de recipientes, desde o minúsculo frasco ao garrafão e até os grandes depósitos, é uma violência extrema. No ar e na semi-obscuridade da oficina, agitam-se, como meteoros, os pequenos blocos de massa rubra, pendentes das «canas» que os forçados empunham. Em rápidos movimentos, num vai-ven fantástico, cada operário aproxima-se de uma excavação aberta no soalho. Debruçados nos também, curiosos, quasi recusamos horrorizados ante o espectáculo.

No fundo desse buraco, uma criança enegrecida, andrajosa e descalça, os pés metidos numa poça de água, manobra uma forma onde o bloco de vidro, soprado, toma o feição de garrafa.

Preguntamos: — A idade desta criança? Oito anos — respondem-nos — e um prémio de revolta contra um tal delinquimento pela vida delinquente minúsculo operário, nos perpassou.

Pes constantemente em água, peito e cabeça recebendo constantemente a temperatura elevada do vidro rubro, o que darão os pequeninos entes?

Mas, não são apenas estes, um verdadeiro enxame de zerritos pululam pelas fábricas, roubados à escola na idade própria e lançados na mais rude ocupação.

De todos os lados eles surgem, num vai-ven acelerado, enduzindo numa espécie de fozas as garrafas escaldantes, que, depois de feitos os bocais com uns ferros próprios, vão arrefecer lentamente numa estufa.

Na Fábrica Nacional

É sem dúvida a mais importante pela sua montagem e elaboração. Visitámos a, acompanhados pelo seu director interno, sr. José de Almeida. Dizem-na socializada segundo desejo do falecido Stefens, o inglês introdutor da indústria do vidro em Portugal e um decreto do ex-ministro do trabalho Augusto Dias da Silva.

Da socialização da fábrica apenas resalta a posse pelo Estado dos terrenos vastos que eram sua pertença, em troca da generosa dádiva, por uma só vez, de 30 contos e concessão de 30.000 toneladas de lenha por ano — concessão aliás já feita à antiga empresa.

A administração é feita por dois delegados do governo, dois da câmara e três operários.

Os principais requisitos de uma fábrica socializada — o conselho técnico e o conselho económico — não existem. A parte técnica está ligada à prática, visto que são dispensados os engenheiros. Da visita feita às oficinas do cristal, da lapidação, da pintura, da manufatura de moldes e da construção dos grandes «potes» (cadinhos) para fundição, tivemos a melhor das impressões no que diz respeito à boa produção, não obstante o uso de processos quasi rudimentares.

Feriu-nos a vista e a sensibilidade, o uso numa fábrica socializada da criança tenra, tal qual como nas outras fábricas. O nosso cicerone, sr. José de Almeida, descreveu-nos um vasto e interessante plano de engrandecimento da fábrica — a montagem de escolas, balneários, bibliotecas, jardins e outros meios de educação e digressão para os operários e seus filhos.

Apesar de considerarmos um tanto utópicas as pretensões, devido à tirania do beneplácito do Estado, sempre avesso a projectos de maior vulto, achamos interessante; mas, lembrámo-nos de que deveria principiar-se por preservar a criança do fatigante trabalho que lhe é imposto.

A organização operária local — Últimas considerações

Os operários das fábricas de vidro da Marinha Grande encontram-se subdivididos em três classes: manipuladores de cilindros de vidraça, garrafeiros e cristaleiros.

Com alguma vida, apenas se verifica a existência da Associação dos Manipuladores de Cilindros de Vidraça, desconfederada mercê de mal entendidos passados, mas predisposta a reconfederar-se, mercê da boa vontade de alguns activos elementos, que entendem, e muito bem, que o isolamento em que jazem é incoerente e pernicioso.

Nos últimos tempos e a convite da direcção da Fábrica Nacional, alguns vultos em destaque na política e nas letras têm ali feito conferências; todavia, a pouca succulência das lições desses conferentes no sentido de levar o proletariado local à adopção de melhores fórmulas de sua defesa do existente e de preparação para um futuro mais feliz e a intuição dos operários de que o seu bem só pode ser filho do seu próprio esforço, tornam-nos ávidos de propaganda rasgadamente operária e emancipadora.

Assim, há dias, e quasi inesperadamente, ali chegámos dois delegados da C. G. T., sendo interessante constatar que, devido à actividade dos elementos locais, podemos realizar uma ligeira conferência que foi por assim dizer o prelúdio para um trabalho mais vasto, de robustecimento da organização local.

e seu regresso na Central da organização.

Voltemos; mas antes, porém, queremos, muito lealmente, que os operários vidreiros conheçam o resto das impressões que junto deles colhemos.

Nas fábricas de vidro — socializadas ou não — a distribuição do trabalho pode e deve ser mais humana e equitativa.

Seis horas de trabalho, ante um forno embraseado, é demais!

Bastaria que grupos de operários se reveassem pelas várias especialidades da indústria, participando todos dos trabalhos mais rudes e mais suaves, pelo que bastariam duas horas à boca do forno e as quatro restantes em outros serviços.

Não é isto possível?... E' e será quando os operários o queiram.

A situação das crianças deve começar precorrendo todos os operários adultos. Não queremos acreditar que continuem a haver pais que se prestem a oferecer seus filhos, na idade mais perigosa, para carne de exploração.

É indispensável a colaboração da criança — como dizem?

Até menos que se lhe estabeleça o limite de idade que segundo a lei é fixado em 13 anos, limite, que nem mesmo a fábrica do Estado, socializada, respeita.

Assim, as crianças terão tempo de frequentar a escola e não serão simples máquinas de produzir, atrofiadas, estúpidas e raquíticas.

De organização, falaremos mais de espaço. De momento, diremos que não é lógico que operários que trabalham junto aos mesmos fornos, com as mesmas ferramentas e a mesma matéria prima, estejam organizados aparte.

Deve banir-se todo o espírito de superioridade ou categoria profissional. Cada um na sua especialidade, todos são agregados da mesma indústria e, como tal, devem estar ligados num mesmo organismo para defesa dos seus interesses que são comuns.

E assim a Marinha Grande, grande centro industrial poderá e deve tornar-se também um grande centro de organização operária.

Santos ARRANHA

Cooperativa Fabril Naval

AVISO

Até ao abrigo do n.º 2.º do artigo 12.º do nosso estatuto convidamos a reunir em Assembleia Geral extraordinária os sócios desta Cooperativa, no dia 3 de Julho do corrente ano pelas 17 e 30 horas, na secção de Transportes, com a seguinte:

ORDEN DOS TRABALHOS.
Resolver o incidente originado pela venda de bebidas e comidas na sede da Cooperativa e deliberar sobre as consequências que dele advieram.

Lisboa, 25 de Junho de 1933.

O Presidente da Mesa
(a) Agostinho de Carvalho

A pedrada

Uma agressão que deixa um homem em perigo de vida

No lugar de Pinheirinhos, próximo de Cezimbra, Manuel Francisco Rato e Manuel Diogo da Costa, trabalhadores e residentes naquela localidade, tiveram uma questão pelo facto de um dos filhos deste, de nome Aveino, de 20 anos ter arremessado com uma pedra a um sobrinho do Rato, menor de 10 anos, chamado Abílio, na ocasião em que este apresentava umas ovelhas.

Então, quando o Manuel Rato recolhia a casa, encontrou-se com os Costa, que vinha acompanhado por seus filhos Aveino e Justino, de 17 anos, e voltando à questão de novo a lume, os filhos do Costa, apedrejaram o Rato, indo uma das pedras fracturar-lhe o crânio, e evadindo-se em seguida os agressores. Andaram então várias pessoas que conduziram o ferido para Cezimbra, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, sendo mais tarde transportado para Lisboa e dando entrada no hospital de S. José, onde no banco foi operado de trépano, recolhendo depois a enfermaria de S. Francisco.

As fábricas de tabaco por dentro

As arbitrariedades que a direcção comete voltam-nos a tocar no assunto — E' preciso que entre o pessoal exista uma grande solidariedade e se acabem com as castas

Ficamos ainda com a palavra reservada

PORTO, 24. — As referências que nós, há duas semanas aproximadamente fizemos a propósito de certas irregularidades cometidas pela poderosa e mistificadora Companhia dos Tabacos contra uma parte do seu pessoal, que tem sido lesado nos seus direitos consignados no contrato — lei fundamental do monopólio — não tinham outro intuito, além de elucidar o público, senão o despertar um pouco de reflexão em todos os serventários do potentado sr. Burnay, a fim de, intelligendo-se todos pelos laços inextricáveis da solidariedade e não se dividindo por um egoísmo de *venho-a-nós*, acudirem e tornarem extensivas as vantagens por concessão do fim do contrato monopolista e, infelizmente, da formação do novo. Era momento oportuno para uma agitação contra todas as desigualdades existentes entre o pessoal tabaqueiro, banido-se castas que não ficam bem entre os próprios operários.

Por um bom tempo comentada a nossa carta; por outros, porém, e quasi pelos delegados *perpétuos* do pessoal que não lóra licenciado, ela foi recebida na ponta da mão vontade. Contudo, como o nosso programa é colocarmos a verdade acima tudo, não deixaremos de trazer à luz da publicidade mais uns interessantes informes, para que se vá fazendo a história do que se tem passado intramuros das fábricas do monopólio que mais tem roubado o público.

Em 1916, a exploradora Companhia dos Tabacos ordenou que regressassem ao trabalho os antigos operários da administração geral dos tabacos, como assim foram considerados numa ordem de serviço colocada nas suas fábricas. A Companhia, pois, que só se esquece da lei por conveniência, foi a primeira a reconhecer que o pessoal licenciado também era da *regie* e que, portanto, estando ao abrigo das bases da lei contractual, tinham direito às regalias dadas pela dita lei.

Não obstante, mal os operários licenciados puzeram pé nas fábricas, a Companhia compeliu-os a assinar um documento ilegal, no qual, abusiva e violentamente, lhes cerceou o legítimo direito à aposentação e assistência pela Caixa de Socorros. E' verdade que os lesados, para não dizerem burlados, fizeram deste estranho caso questão e levaram-na para o tribunal arbitral. Mas qual tribunal, nem qual carapuceira apesar de haver informação oficial de que o respectivo processo já se encontra há bastante tempo concluído, o mágico tribunal, possivelmente vergado a influências subornadas da Companhia habilidosa, ardeia, ainda não foi capaz de nos dar a honra de uma referência. Aonde está o fiscal da lei, o representante do governo? Ora... está dentro dum charuto do sr. Burnay.

Juntamente com os operários em alusão, também foram readmitidos algumas operárias. Não se sabe bem porque, o director da fábrica Portuguesa deu-lhe para as perseguir, obrigando-as ao cumprimento de ordens que estão fora dos regulamentos internos e, portanto, arbitrários, ditatoriais. Onde principalmente a má vontade daquele senhor se manifesta é na questão do horário. O artigo 9.º do regulamento interno das fábricas, diz: «O ponto será tirado duas vezes por dia, uma de manhã às 10 horas e outra às 2 da tarde. Pois o director não está por esses ajustes, julga-se superior à lei, ao regulamento, a tudo, cogitando, sob a regulariaxerável de as pôr na rua sem remissão alguma, as operárias readmitidas a entrarem na oficina às 8 horas da manhã e com uma precisão cronométrica, apesar do pessoal empregueiro, sem qualquer distinção, ter a liberdade de poder entrar, de manhã, até às 10 horas, e de tarde, até às 2, ou sejam 14 horas.

Mercê desta atitude despótica do referido director, tem sucedido que algumas operárias, lá porque, devido a circunstâncias várias, não tenham chegado à hora prefixa, sem um quinto a mais, nem um quinto a menos — têm sido suspensas!

E aquelas que o não têm sido, é devido à sua posição lacrimosa, de perdão, que, por caso esporádico, consegue demover o director. E' verdade que os delegados têm intervenido nestas violências, suavizando-as. Todavia, passado pouco tempo o homem esquece-se e volta tudo ao statu-quo-ante.

Na nossa outra crónica a este respeito, dissemos que a qualquer operário

readmitido que lhe seja encontrado um pouco de tabaco embora apenas chegue para dois ou três cigarros, é isso o bastante para que lhe sofra uma *inexorável demissão*, e não suspensão, como erradamente saiu da quinta vez.

«Isto, é claro, só para os readmitidos que a Companhia, ao fim da força os quer considerar, contra todos os preceitos da lei, *extraordinários*. Em consequência daquela injusta interpretação, ali, nos operários encontram-se na rua. De harmonia com o regulamento de trabalho? Não, de acordo com o arbitrio dos srs. da Companhia.

Ora, já que tocamos no regulamento, vejamos o que ele diz a tal respeito: «Art. 50.º, reza: «Os operários que transgredirem as disposições do presente regulamento, serão punidos com uma suspensão disciplinar, ficando-se a sua duração conforme a gravidade da infracção.»

E o art. 52.º, sobre os casos particularmente graves, como o roubo, diz que os «delinquentes serão entregues ao poder judicial e riscados dos quadros, depois de ovida a comissão a que se refere a base 14.ª da lei de 23 de Março de 1891», base que o novo contracto respeitou.

Como o n.º 1.º do art. 6.º das bases do contracto de 2 de Junho de 1906 compelle a Companhia a conservar todos os operários e empregados, incluindo os licenciados que se achavam ao serviço da Administração Geral dos Tabacos em 15 de Maio de 1890, não podendo despedi-los sem motivo justificado, reconhecido pela comissão a que se refere o art. 12.º, ou julgado por sentença judicial — era intuitivo e de toda a justiça que o regulamento interno fosse aplicado também aos readmitidos que, como vimos, também são da *regie*.

Mas não. Alguns readmitidos foram expulsos, sem ser ouvida a comissão, sem serem julgados judicialmente, e muito nos admira que a restante classe, que os seus delegados, não tenham sequer levantado um protesto a favor daqueles que, sendo sócios da Associação, se encontram há 3 anos indevidamente demittidos, quando bastava um castigo, quando muito, de 30 ou 60 dias.

Apoiarmos assim, consciente ou inconscientemente, as tratantadas, as tramóias da Companhia, que é a primeira a desrespeitar o regulamento... Que tristeza, para não dizermos, que chuchadeira!

E todavia — o que é mais doloroso! — os readmitidos, os licenciados, os da *regie* pelos da *regie* postos à margem, foram aqueles mesmos que noutros tempos de agitação sofreram as idênticas contradições, por ocasião da organização do exclusivo dos tabacos, das greves, correrias, pranchadas da guarda municipal e polícia, etc., para a conquista de regalias comuns. Hoje tudo se esquece.

Mas isto não vai a matar. Ficamos com a palavra reservada.

EM SINTRA

Volta-se um trem ficando os seus passageiros muito feridos

Júlio Gonçalves, residente na rua de S. Marçal, 82, Guilherme Carvalho, tipógrafo do jornal *República* e José de Almeida, chefe da oficina tipográfica do mesmo jornal, foram no domingo, passar o dia para Sintra.

A' noite, ao dirigirem-se num trem, para a estação do caminho de ferro da qual via, afim de tomarem o comboio para regressarem a Lisboa, o veículo, próximo da estação, voltou-se caído de lado e os passageiros que ficaram feridos.

Audiam várias pessoas, sendo os feridos conduzidos ao hospital da Misericórdia de Sintra, onde receberam curativo, ficando ali internado José de Almeida, que ficou muito ferido, e sendo Júlio Gonçalves transportado para Lisboa, dando entrada no hospital de S. José, onde, no banco, os cirurgiões de serviço verificaram que ele apresentava várias contusões pelo corpo e ferimentos no rosto, seguindo para casa depois de devidamente pensado, por se haver recusado a ficar hospitalizado.

Marceneiro

Oferece-se. Rua da Alegria, 26, s'loja.

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo Manuel Ribeiro, de 24 anos, carroceiro, residente na rua da Oliveira ao Carmo, 55, que no Pólo dos Negros caiu de uma carroça ficando ferido na perna direita.

Na sala de observações do mesmo banco deu ontem entrada João Lopes, de 40 anos, trabalhador, residente na rua 24 de Julho, páteo Gomes Pereira, 1.º/3, que num armazém da Exploração do Porto de Lisboa foi colido por uma caixa, ficando contuso pelo corpo.

Na enfermaria de Santo António deu ontem entrada Manuel Simões, de 45 anos, trabalhador e residente na rua da Beneficência em Palma de Cima, que ali caiu de um andaime fracturando o braço direito.

Na sala de observações deu ontem entrada Calisto Lourenço Saraiva, de 53 anos, pedreiro, residente na rua S. João da Praça, 35, 4.º, que no palácio do congresso da república caiu de um muro, ficando ferido na cabeça e com o braço esquerdo fracturado.

No banco do hospital de S. José recebeu ontem curativo Adriano Marques, de 20 anos, moço da cocheira de António José Condeixa, na avenida de Chelas, onde reside, que ali foi atingido por um coice ficando ferido no rosto.

Agressão a tiro

Na enfermaria de S. Fernando, do hospital do Deslêrro, deu ontem entrada João de Oliveira, de 29 anos, residente no bairro das Palmeiras, no Barreiro, operário da fábrica da Companhia União Fabril, que naquela vila, ao ser intimado no bairro Operário a parar, por um indivíduo que trajava a paisana e parece ser sargento da G. N. R., não fez, sendo por esse facto ferido com um tiro na perna direita. Segundo consta, o ferido havia momentos antes agredido um menor.

Doente que foge

Dos pavilhões do hospital do Rêgo, onde se achava internada, evadiu-se ontem de madrugada Junita da Conceição, albergada n.º 1695 da Albergaria de Lisboa. Foi comunicado o facto à polícia.

Doença súbita

No banco do hospital de S. José faleceu ontem, momentos depois dali ter dado entrada, um indivíduo cuja identidade se desconhece e que aparenta ter 50 anos, o qual foi acometido de doença súbita na via pública. O cadáver foi removido para a casa mortuária do mesmo estabelecimento.

Quedas mortais

Na enfermaria de Santo António do hospital de S. José, faleceu ontem José Cardoso, de 48 anos, covreiro, residente no barracão de Joaquim Neto, ao Alto de S. João e que na residência, como noticiámos deu uma queda no dia 23 último.

Depois de verificado o óbito pelo cirurgião de serviço no banco do mesmo hospital, onde já chegou cadáver, foi removida para a morgue Justina Pereira da Rocha, de 10 anos, filha de Angelo da Costa e de Celeste Ferreira, que residem na rua Coelho da Rocha, J. D. N.º 5.º Dto, a qual caiu dum janela da residência à rua.

Dum jumento abaixo

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, deu ontem entrada Afonso Vígario, de 10 anos, filho de Casimiro Vígario e de Maria da Conceição, residente em Alcobaça, que na Malveira deu uma queda de um jumento, fracturando o braço direito.

FATOS

— desde 45\$00 —

(Cortes de 3 metros de esplêndidas casimiras)

São nos depósitos dos Donas do Covilhã, por onde se fabricam e vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lá para fatos e cortes por todos os preços e a cores por menos 50 a 60 %.

Depósito de vendas a retalho

EM LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO — Rua Fernandes Tomás, 392-A.

VIDA POLITICA

Núcleo Juventude Comunista do Porto. — (S. J. N. J. C.) — Realiza este organismo para a nomeação de comissão executiva e apresentação do relatório do delegado à C. P. de M. C. realizada em Lisboa em 4 de Março, sendo o relatório aprovado por unanimidade.

A comissão executiva que tem posse na passada segunda-feira, ficou assim constituída: Apolino Araújo, secretário-geral, Basílio Tavares, secretário-adjunto, Francisco Esteves Passos, Manuel Joaquim Pereira, José Pereira Botelho, João Moreira, José de Almeida, Angelo Pereira, João Joaquim, Luís Soares Pacheco e Edmundo Figueiredo. Resolveu reunir todas as semanas, constataando o pedido de demissão de Basílio Tavares, José Pereira Botelho e Francisco Esteves Passos, por discordância com o secretário-geral, na apreciação do conflito partidário.

A comissão executiva resolveu, em virtude do adiamento da hora, apreciar essa demissão em outra reunião. Foram encarregados da cobrança das áreas das Antas e S. Roque, respectivamente, Edmundo Figueiredo e Manuel Joaquim Pereira.

A correspondência para este Núcleo deve ser dirigida a Apolino Araújo, R. Bomjardim, 453, Porto.

La Revista Blanca

Publicação de Sociologia, Ciência e Arte

Acaba de chegar à secção da livraria de A Batalha esta antiga revista espanhola

Encontra-se à venda na nossa administração, Tabaria-Monca, Rossio, café Itália, Rua 1.º de Dezembro, Quiloses Saúches, Avenida da Liberdade.

PREÇO 2500

Isqui elros

Pedras, rodas, molas, tam-pas e isca selada

Largo do Conde Barão 55

(Casa do isqueiro à porta)

SAPATARIA

"Pavilhão Americano"

R. Marquês de Alegrete, 77

Onde se compra o melhor calçado pelo preço mais barato

LIMAS

As melhores

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

«As melhores»

</

